EUGENIO GOMES, A CADERNETA DE NOTAS E *OS SERTÕES*

Ivia Alves
Universidade Federal da Bahia/NEIM/CNPq

Desde o momento em que o livro *Os sertões* foi publicado por Euclides da Cunha, em 1902, aflorou em torno do texto uma discussão sobre sua classificação. Aparentemente, *Os sertões* apresenta-se como um texto objetivo, voltado para a ciência, com um jargão e uma perspectiva específica. Dividido em três partes, a terceira é a culminante, quando o autor desenrola os episódios da guerra, tomados, a princípio, como um documento vivo.

Inicialmente, os críticos literários ficaram bastante impressionados pelo tratamento da linguagem e a maioria da crítica da época refere-se principalmente ao estilo de Cunha. Paralelamente, apesar de reconhecerem a perspectiva científica existente, inseriram o texto pela temática (nacionalista) e pelo tratamento da língua (estilo) – dois motores de valor, na época, para a literatura – entre os livros canônicos da literatura brasileira. Porém, se pudermos observar os termos pelos quais designam *Os sertões*, dentro do discurso historiográfico literário, não há dúvida alguma de que o próprio texto extrapola a literatura, imprimindo suas próprias marcas, isto é, o texto será sempre tratado como **livro**, sem qualquer maior preocupação em uma classificação de gênero literário.

O Brasil atrasado do Nordeste vai ser desvendado e analisado, em *Os sertões*, através de três partes distintas. Se não havia dúvida sobre o discurso científico imprimido na linguagem empregada por Euclides da Cunha nas duas primeiras partes, a terceira, intitulada "A luta", complicava a sua classificação, mas era a única que o trazia para o campo literário. Dessa maneira, muitos estudiosos passaram a classificá-lo como épico ou como tragédia.

Nas quatro primeiras décadas, quando foi analisado e esmiuçado, não houve grande dissidência da crítica, considerando, principalmente, quanto ao estudo do estilo e quanto a sua importância como uma leitura que vinha concordando com a proposta do nacionalismo e que coincidia com o programa nacionalista da historiografia literária, apresentado-se como um elo de continuidade do cânone tanto para os textos anteriores quanto para os subseqüentes.

Passado esse período inicial, o livro, já agora emblemático, não foi expurgado da literatura, como tantos outros textos e autores que foram na época inseridos apenas por uma linguagem elaborada e um português castiço. Mas a partir dos anos cinqüenta, com outras técnicas de se acercar do texto, a idéia de o livro ser um monólito, sem qualquer imersão na ficção, começa a se desfazer.

É verdade que, em 1918, João Ribeiro, em artigo em jornal, já fazia restrições a *Os sertões*, evidenciando ser uma obra de fic-

ção.[1] Mas a maior parte da recepção crítica do livro não lhe deu maior importância, procurando enfatizá-lo como uma das principais obras para a formação da nacionalidade. A obra era maior do que a literatura da época e não se considerava justo fazê-la marginal ao cânone, mesmo que não se conseguisse comportá-la em algum gênero literário, ficando no vácuo entre documento ou ficção. Essa dicotomia que iria separar os campos (científico do literário), mesmo o das ciências sociais, com o avançar das décadas do século XX, levou ao extremo à especialização.

Quase no início da década de sessenta, ou melhor, em 1958, o crítico literário Eugenio Gomes, então diretor da Biblioteca Nacional, tendo acesso aos manuscritos de Euclides da Cunha, que se encontram naquela instituição, passou a levantar a hipótese de que a terceira parte teria deslizado do campo documental para o da criação narrativa. Para isto, ele estava bem instrumentado, pois pôde cotejar as anotações da caderneta de campo, tomadas na hora da luta por Euclides, em Canudos, com as primeiras versões de *Os Sertões*, até a edição de fixação final do texto.

Neste momento, vale a pena abrir um parêntese para introduzir algumas palavras sobre Eugenio Gomes. Além de diretor da Biblioteca Nacional, na época, o que lhe dava acesso ao acervo da instituição, Eugenio Gomes exerceu antes e depois vários cargos públicos importantes na área da educação. Mas seu nome é reconhecido como um dos críticos literários mais sérios e intuitivos do seu tempo, quando os suplementos literários de fim de semana tinham peso para uma porção de leitores que queria "algo mais" do que simples leitura por lazer. Atuando nos principais jornais do Rio de Janeiro (capital da República), sua atividade crítica mais intensa travou-se entre a década de 40 e os inícios da de 60, em que já começavam a emergir as leituras mais comprometidas com uma visão universitária. Parece-nos que ele faz jus aos designativos de crítico intuitivo, por ter sido o primeiro estudioso (excetuando, no início do século, João Ribeiro) a chamar a atenção para a ficcionalidade da terceira parte de *Os Sertões*, porém sua perspectiva de avaliação não é desqualificadora como foi a de foi a de João Ribeiro.[2]

Este texto tratará, basicamente, de explicitar as idéias de Gomes sobre a montagem da narrativa da terceira parte, deixando de lado as várias descobertas realizadas pelo crítico quanto ao uso de um vocabulário castiço e a intensa e diversificada recepção crítica que *Os sertões* vem recebendo, ao longo dos anos. Para melhor compreensão do tratamento dado pelo estudioso, indico a edição em que ele se baseou como edição de fixação do texto final.[3]

Não se deve deixar de lembrar de que *Os Sertões*, desde que foi publicado, nunca deixou de ser inserido no cânone de obras da literatura brasileira, e, mesmo quando o historiador, como é o caso de Lúcia Miguel-Pereira, não dá espaço para um capítulo sobre a obra, seu discurso vai ser atravessado pelo livro, visto que ele inaugura uma nova forma de tratamento e de linguagem dos temas do regionalismo. Apenas para ilustrar, trago a voz da arguta historiadora:

> A prosa hisurta, grandiosa e solene de Euclides da Cunha impressionou – porque era de fato impressionante – muitos espíritos, e pareceu sobretudo particularmente sedutora a alguns escritores que, sob aspectos diversos, buscavam também o homem e a terra do Brasil agreste. Assim é que, para captarem paisagens e costumes do extremo sul e do extremo norte, Alcides Maya, Roque Calange e Alberto

[1] Vide comentários em Otto Maria Carpeaux. *Pequena Bibliografia Crítica da Literatura Brasileira* 3. ed. Rio de Janeiro: Letras e Artes, 1964; p. 211.

[2] Para um conhecimento da produção e itinerário intelectual de Eugenio Gomes vide *Eugenio Gomes: leituras inglesas - visões comparatistas*. Organização, apresentação e seleção dos textos de Ivia Alves. Belo Horizonte: Ed UFMG, 2000.

[3] CUNHA, Euclides. *Os Sertões*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1902. Eugenio Gomes vai tomar para análise não só esta como a sexta edição, editada por Afrânio Peixoto, publicada entre 1915 e 1928. Não cheguei a consultar a edição para verificar a data, que não consta dos dois ensaios.

> Rangel navegaram na esteira euclidiana. A narrativa, forçosamente mais literária, torna-se menos objetiva e mais interpretativa; as personagens já não falam tanto, substituído pela policromia mais brilhante das palavras espoucantes dos autores, o colorido das locuções dialetais[4].

Apesar dos historiadores que escreveram e publicaram até mais ou menos a metade do século XX, incluir o texto no cânone das histórias literárias, nunca ficou muito bem esclarecida a classificação e inclusão de *Os sertões* com relação ao gênero literário. A razão disso deve-se ao paradigma da Modernidade, que operando com gêneros puros, com especialidades bem separadas, ainda sistematizando os campos das ciências e o das artes de maneira estanques, ficava sem possibilidades de colocar *Os Sertões* em um gênero literário específico, porque ele não se encaixava, ou melhor, transbordava de campo, de especialidades e de gêneros nas taxionomias da época. E os críticos e historiadores não conseguiam determinar o "escaninho" apropriado e sempre o trataram como **livro**, sem conseguir evidenciar sua "classificação" na literatura. Ainda bem que percebiam sua importância e não descartaram da literatura.

Ainda na virada dos anos 80, a falta de uma determinação de gênero iria confundir intelectuais das áreas das ciências humanas, que ainda liam com as ferramentas dos historiadores e críticos literários, a narrativa de Euclides:

> Já ao nível do tratamento dos personagens, manifestam-se algumas originalidades típicas, que nos auxiliam a identificar as técnicas de estilo e linguagem de Euclides da Cunha. Assim como ele jamais lança mão do romance como processo literário, seus personagens jamais recebem um tratamento característico desse gênero narrativo. [5]

E mais: "Euclides extremou-se desde cedo em abdicar de toda ficção que envolvesse a imaginação de enredos literários tradicionais." [6]

É verdade que o estudioso de outras áreas tem que se apoiar nos especialistas de literatura, só que estes ainda não tinham instrumentais adequados para "decifrar" o enigma de *Os sertões*, que se torna um precursor (na concepção de Borges) e de tantos outros, como a ficção *Maíra*, de Darcy Ribeiro.[7] Ou talvez, o excelente autor de *Literatura como Missão* tenha sido levado pelas próprias palavras de Euclides, citadas nas notas do capítulo do seu próprio estudo:

> [...] me desviei sobremodo dessa literatura imaginosa, de ficções, onde desde cedo se exercita e se revigora o nosso subjetivismo, tão imperioso por vezes que faz do escritor um minúsculo epítome do universo, capaz de o interpretar *a priori*, como se tudo quanto ele ignora fosse apenas uma parte ainda não vista de si mesmo.[8]

Apesar das incertezas com relação ao tipo de prosa/discurso(s), quer se tratasse de um discurso do campo das ciências sociais, quer da cultura, *Os sertões* se aproximava e dava sentido à ideologia da época e ao modernismo brasileiro. Embora alguns críticos tenham feito, ao longo do tempo, restrições à linguagem elaborada, à marca do nacional, felizmente, nem o livro e nem o autor caírem no esquecimento. Discutido através de diversas perspectivas, *Os Sertões*, sozinho, consegue demonstrar claramente o dile-

[4] MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. *Prosa de ficção*: de 1870 a 1920. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1950; p. 180 (Coleção Documentos brasileiros. História da Literatura Brasileira, sob a direção de Álvaro Lins, v. 12).

[5] SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão*: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989; p 131. Este excelente livro foi publicado pela Brasiliense, em 1983, sendo originalmente uma tese de doutorado dos anos setenta, razão pela qual seus instrumentais teóricos para o estudo do romance e personagens provêm de Edwin Muir e de Lukács, que focalizam a construção dos heróis no romantismo.Provavelmente, não seriam os instrumentos mais adequados como paradigma para a análise de personagens de uma região como a brasileira nem mesmo para um tipo de discurso (o regionalista) que se desenvolvia a contrapelo da sociedade eurocêntrica e que era uma construção que não encontrava modelo na Europa. (Vide Candido, 1964, v. 2, cap. III).

[6] Idem.

[7] A discussão, seja de um hibridismo de gêneros literários, como também do apagamento das fronteiras interdisciplinares, vem à tona, nas teorias pós-coloniais, a partir dos anos oitenta e noventa. Cf. página na internet: ttp://vega.pucrs.br/catalogo_fale/

[8] SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão*: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. Op. cit.; p 150.

Fotografia de Flávio de Barros (1897). 400 jagunços prisioneiros. Acervo do MASP

ma (o dilaceramento) vivido pelo intelectual brasileiro do início do século XX ante o paradigma cientificista (ocidental) da Modernidade e às dificuldades encontradas pelos historiadores posteriores que seguiram esse mesmo paradigma tentando examinar e interpretar o discurso de Euclides da Cunha.

Atualmente, no entanto, o impasse está resolvido, desde que o livro seja analisado como uma produção híbrida (impura), pertencente tanto à cultura brasileira quanto à leitura de uma cultura latino-americana. E *Os sertões* revelam-se por inteiro, em suas contorções de leitura eurocêntrica e interpretações do Outro, sendo então possível penetrá-lo pelas brechas criadas pelo próprio discurso euclidiando. Mas o desmonte desse complexo discurso do Outro, dentro do discurso eurocêntrico, só foi possível com os instrumentos construídos e utilizados na contemporaneidade.

Também teria que passar o furor teleológico/nacionalizante que assume o Modernismo no Brasil – como marco de definição da identidade nacional – para se poder apreciar e debruçar melhor sobre as questões inclusas em *Os Sertões*.

No entanto é preciso que se faça documentar, neste momento, e se faça justiça aos críticos e historiadores que, imersos no paradigma da Modernidade, nunca deixaram de intrigar-se com o "enigma" *Os Sertões*.

No momento, procuro demonstrar as hipóteses engendradas por Eugenio Gomes e que servem como uma contribuição rica, ao ousar especular em pleno ano de 1953, *Os sertões*. As primeiras De Gomes sobre o livro já evidenciam a complexidade de um escritor híbrido:

> .... o livro *Os Sertões* é um complexo de gêneros e de temas em que entram a história, a etnografia, etc., e até **deu a impressão de conter também matizes de romance**... A imaginação envolveu inevitavelmente a sua estrutura, ainda porque essa obra não se fez apenas com a fria e rígida colaboração dos documentos, mas também com o cálido influxo da tradição oral, sabidamente suscetível de sofrer exageros e deturpações. Fosse Euclides despreza-la para se ater somente a relatórios e dados oficiais, que eram por sua vez, incompletos ou unilaterais, e o seu livro não passaria de um livro como os demais que se fizeram sobre a mesma campanha. É verdade que, mesmo assim, a imaginação épica do escritor teria imprimido à narrativa as amplificações que fazem exorbitar, em suas obras, alguns acontecimentos.[9]

As duas ou três incursões de Eugenio Gomes sobre *Os sertões* impressionaram-me muito, há dez anos, no momento em que se estava iniciando a discussão de quebra de fronteiras entre os vários campos epistemológicos, principalmente porque ele não apenas começava a "farejar" uma vertente conhecida – a da crítica genética a partir do cotejo da obra e seus primeiros manuscritos – , como também assinalava um tipo de pesquisa de fontes, quando vinha a público e dava gratuitamente o método de pesquisa de fontes primárias. É através do emprego dessas metodologias que o crítico conseguiu desmontar o livro e construir outras hipóteses de trabalho e leitura, que não eram as mais generalizadas ou legitimadas para a sua época. Vale a pena deixa-lo falar para trazer à tona suas inquietações:

[9] Grifos meus. O texto integral foi publicado, inicialmente, em jornal e depois editado no livro do autor, intitulado *Visões e revisões*. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1958. Os ensaios são: Vocabulário de Euclides da Cunha p. 277-286; Á margem de *Os sertões*, p. 287-303. Sobre artigos e ensaios publicados por EG, vide página na Internet, da PUCRS – www.pucrs.br/letras/pós/redes.

[10] Idem, ibidem.

[11] Evidentemente, o conceito atual de hibridismo foi levado até as últimas conseqüências do termo, todavia, E. Gomes, na época, timidamente colocava o híbrido, mas sem a marca de negatividade tão comumente utilizada pelo discurso hegemônico da Modernidade.

[12] Á margem de *Os sertões*, p. 290.

> Há dois grandes livros em nossa literatura que apresentam direções ou sugestões inumeráveis: *As memórias póstumas de Brás Cubas* e *Os sertões*.

Quem procura este último, porém, com a idéia de fixar algum de seus múltiplos aspectos, repete quase sempre a atitude, já ridicularizada por um humorista inglês, de alguém que se aproximasse de uma cachoeira para tirar de lá somente um copo de água...

Forçoso contudo admitir que uma obra dessa complexidade não se esgota com as generalizações. Semelhantemente à áspera campanha sertaneja, de que se constituiu admirável epopéia, o seu conteúdo é um tumultuar de forças obscuras e reações psicológicas que requer vigilância redobrada.

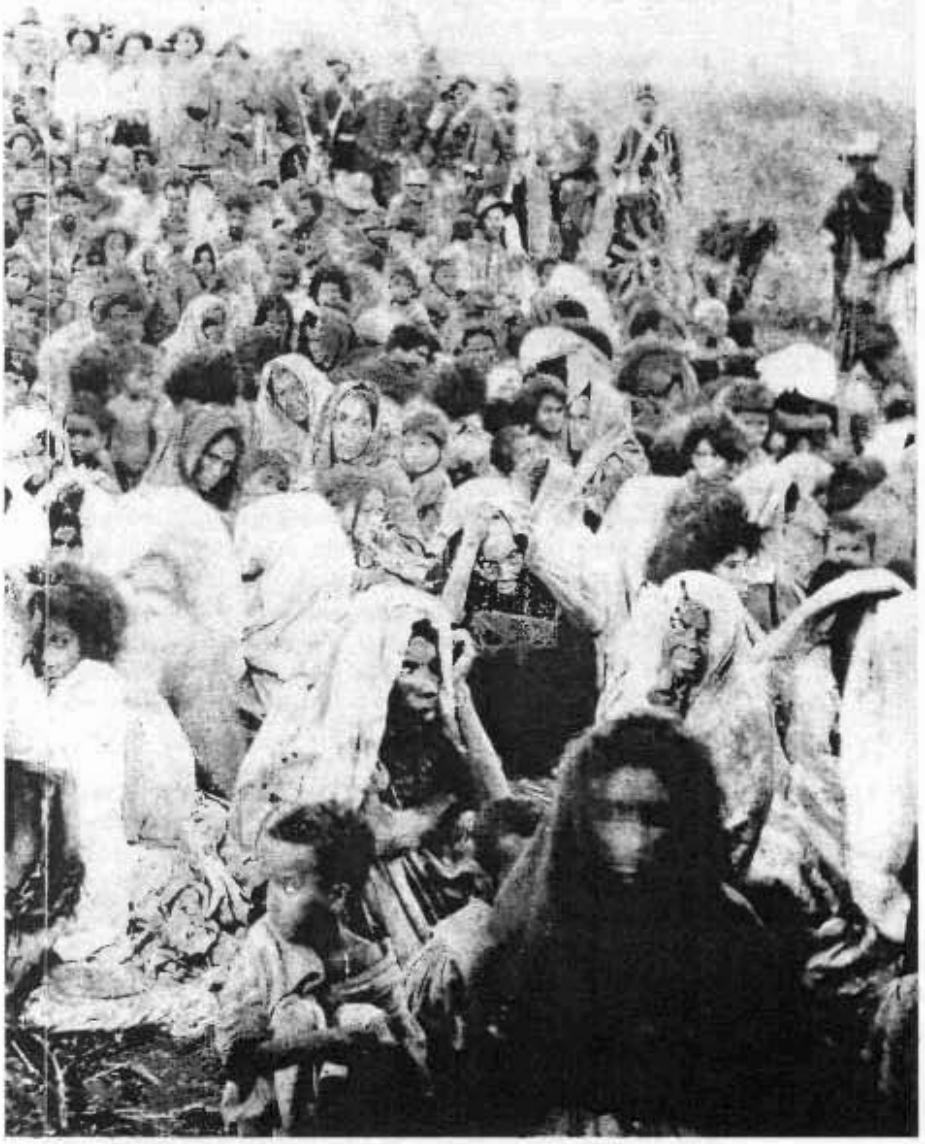
Não se proponha ninguém, portanto, a esvaziar de vez a soberba catadupa, que deu tamanha ressonância à indignação nacional contra o gravíssimo erro de Canudos.

Mas a obra literária não é nenhum bloco rígido e inteiriço que só deva ser vista e estudada como um todo. Óbvio que é do particular que se chega quase sempre à compreensão do geral. E isso é tanto mais verdadeiro relativamente a *Os Sertões*, quanto é certo que a estrutura monumental dessa obra resulta de extenso rol de pormenores amplificados por uma visão estarrecida dos acontecimentos. [10]

O crítico, portanto, em 1953, repito, já apontava *Os Sertões* como uma produção escrita de perspectiva híbrida[11], tomando como exemplos demonstrativos dois trechos, nos quais Euclides privilegiou o discurso narrativo romanesco em detrimento do documento e do discurso científico.

Os exemplos retirados do livro de Euclides são da terceira parte: A Luta. No primeiro, trata-se da tomada do canhão pelos jagunços. Este assalto ao canhão da coluna Febrônio vem narrado de uma forma de registro do fato, na caderneta de notas da expedição, e aparece, já trabalhado, em um dos manuscritos ou versão "primitiva" de *Os Sertões*. Na caderneta de campo, o escritor trata o assunto em 145 palavras e transcreve a fala dos jagunços: "Viram canaias! O que é ter coragem?" No texto fragmentário do manuscrito, o autor aumentou a descrição, segundo Gomes, para 797 palavras e apresenta um esboço de narrativa, com a revelação de um fato, que seria a causa da provocadora ousadia dos jagunços e que não constava da caderneta de apontamentos: o disparo de um dos canhões na direção do povoado de Canudos. Este disparo é que teria desencadeado o ataque dos jagunços contra as forças legais. O incitamento de Febrônio: —"Camaradas! A minha honra de militar está perdida! Que se retome aquele canhão ou seja o primeiro dentro vós a morrer!"[12] —, embora partisse de uma peroração desse oficial, no manuscrito foi reelaborada e vai ser empregada como incitamento aos soldados para a retomada do canhão.

No entanto, parece que nem o fato nem a história reelaborada conseguiram a força que Euclides queria emprestar-lhes, tanto que, na primeira edição do livro, passou para menos de 362 palavras, com um tom vigoroso. Para Eugenio Gomes, a descrição do manuscrito era muito próxima ao estilo do livro. No entanto, apesar de Euclides ter diminuído a passagem, aumentou em dramaticidade a versão definitiva, utilizando-se para isto da síntese em dois atos apenas – o do disparo e o da réplica imprevista de Febrônio e, quase simultaneamente, o ataque.



A emenda é mais ilustrativa da armação narrativa ficcionalizada. Na caderneta, Euclides remete a frase a vários jagunços. Na versão final, ele atribui a frase a um único jagunço, mas preocupa-se em dar-lhe individualidade:

> Um curiboca atrevido como se intentasse estrangular um monstro abarcou logo com os braços o canhão da direita [eram dois canhões] e alevantou sobre o tumulto a voz tonitroante, a frase é textual: – Viram, canalhas, o que é ter coragem?[13]

Reforça o crítico, informando que a frase "não é textual, não está rigorosamente fiel à dicção errada do jagunço, como já vimos".

Outro exemplo, que já havia sido sinalizado por Gilberto Freyre, mas de forma generalizada, é o fato de "Euclides tender a engrandecer e glorificar as figuras, as paisagens, os homens, as mulheres, as instituições com os quais se identificava" [14]. Eugenio Gomes vai em busca dessa "inclinação" na fixação, ou melhor, na composição de determinados personagens que Euclides destaca da multidão de jagunços. Considerando que, nas minúcias da campanha de Canudos, a lenda e a história se misturavam e, por vezes, a primeira prevalecia sobre a segunda, principalmente porque o escritor queria tirar efeitos plásticos, Gomes vai tratar isoladamente do caso do personagem Joaquim Macambira:

> Com o recurso de sua poderosa imaginação, tantas vezes chamada a emprestar à narrativa uma atmosfera transfiguradora, Euclides fê-lo aparecer, ainda em criança, ao lado do pai, entre a massa de fiéis do Conselheiro, na galeria de fanáticos que precede, no capítulo "O Homem", a história da deflagração da luta. Pai e filho reuniram-se, ali, numa síntese de calculada intenção ou efeito psicológico: 'O velho Macambira, pouco afeiçoado à luta, de 'coração mole', segundo o dizer expressivo dos matutos, mas espírito infernal no gizar ciladas incríveis; espécie de Imanus decrépito, mas perigoso ainda, tomba de bruços, no chão, tendo ao lado o filho Joaquim, criança arrojada e impávida, que figuraria em belo lance de heroísmo mais tarde.

No terceiro capítulo, "A luta", Joaquim Macambira vai participar do "ataque brusco, rápido e brutal" como jovem destemido, inclusive com a idade modificada de 15 anos (como está na correspondência para o *Estado de São Paulo*) para a de 18 anos.

Não só essas passagens vão ser ventiladas pelo crítico como tendo elementos da narrativa romanesca, mas também a mudança de pontuação e de vocábulos que vão imprimir densidade dramática ao relato.

Como um crítico arguto para sua época, Gomes pôde debruçar-se, meticulosamente, sobre os manuscritos, a caderneta e as reportagens, além da versão final do livro, para chegar a conclusões inéditas, que poderiam ter sido melhor examinadas pelas sucessivas gerações.

Atualmente, as contribuições de Hayden White – para o discurso da História – ou os instrumentos construídos por Bakhtin – para a análise do discurso e da literatura – ajudaram a desmontar a complexidade e o hibridismo do livro, confirmando a intuição do velho crítico brasileiro que, na década de cinqüenta, ousava

[13] Á margem de *Os sertões*, p. 293. Os primeiros manuscritos escritos sobre *Os sertões* são encontrados na Biblioteca Nacional. EG foi diretor da Biblioteca Nacional no período em que escreve os dois ensaios. Não só tomou conhecimento deles, mas os analisou e os cotejou com a edição final do livro *Os sertões*.

[14] Á margem de *Os sertões*, p. 293. Não há indicação pelo crítico do texto de Freyre ao qual ele se refere.

desconsiderar o paradigma da Modernidade para apontar a inclusão de elementos ficcionais da narrativa em *Os sertões:*

> Está visto que o futuro historiador da campanha [Euclides da Cunha] cedo se percebera de que não havia como deslindar os fios da verdade, por entre a rede de lendas e deformações, entretecida pela imaginação dos soldados e do povo sertanejo em torno da campanha de Canudos.

Por isso mesmo, o livro de *Os sertões* é um complexo de gêneros e de temas em que entram a história, a etnografia, etc, e até deu a impressão de conter matizes de romance... A imaginação envolveu inevitavelmente a sua estrutura, ainda porque essa obra não se fez apenas com a fria e rígida colaboração dos documentos, mas também com o cálido influxo da tradição oral, sabidamente suscetível de sofrer exageros e deturpações. Fosse Euclides desprezá-la para se ater somente a relatórios e dados oficiais, que eram por sua vez incompletos ou unilaterais, e seu livro não passaria de um livro como os demais que se fizeram sobre a mesma campanha. È verdade que, mesmo assim, a imaginação épica do escritor teria imprimido à narrativa as amplificações que fazem exorbitar, em suas obras, alguns acontecimentos.

O cotejo entre a correspondência jornalística, que fixava o assalto à "Matadeira" e a narrativa desse mesmo episódio em *Os sertões,* revela diversas minúcias interessantes do processo de elaboração desse livro.

REFERÊNCIAS

ALVES, Ivia (Organização, apresentação e seleção dos textos). *Eugenio Gomes: leituras inglesas - visões comparatistas.* Belo Horizonte: Ed UFMG, 2000.

CANDIDO, Antonio. Um instrumento de descoberta e interpretação. In: _____. *Formação da literatura brasileira*: momentos decisivos. 2. ed. São Paulo: Martins, 1964. v. 2, cap. 3.

CARPEAUX, Otto Maria. *Pequena Bibliografia Crítica da Literatura Brasileira* 3. ed. Rio de Janeiro: Letras e Artes, 1964

GOMES, Eugenio. À margem de *Os sertões. Correio da Manhã,* Rio de Janeiro, 25 jul. 1953. Suplemento Literário.

GOMES, Eugenio. À margem de *Os Sertões.* In:_____ *Visões e revisões.* Rio de Janeiro: INL, 1958. p. 287-303. (Biblioteca de Divulgação Cultural, série A-).

GOMES, Eugenio. Vocabulário de Euclides da Cunha. In:_____ *Visões e revisões.*Rio de Janeiro: INL, 1958. p. 276-286. (Biblioteca de Divulgação Cultural, série A-).

MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. *Prosa de ficção*: de 1870 a 1920. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1950; p. 180 (Coleção Documentos brasileiros. História da Literatura Brasileira, sob a direção de Álvaro Lins, v. 12).

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão*: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

WHITE, Hayden . *Metahistória.* São Paulo: Editora USP, 1995.

Páginas na Internet:

http: www.pucrs.br/letras/pós/redes

http://vega.pucrs.br/catalogo_fale/